

Escola em *Torto Arado*: um retrato literário da importância do aprender libertador de Paulo Freire

Mariana Fernandes Pereira¹, Gustavo Faria²

Resumo

O livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, é um fenômeno da literatura contemporânea no Brasil. Sua importância está não apenas em uma escrita fluida e interessante, mas também na temática atual a que se dedica. Uma questão social que aparece na narrativa é a construção de uma escola na comunidade de Água Negra e a partir dali duas questões se colocam: Bibiana vê na educação uma possibilidade de alcançar as melhorias necessárias para seu povo e deseja se tornar professora. Por outro lado, Belonísia enxerga na educação formal uma perda de tempo, pois não se enxerga inserida nas atividades escolares guiadas por dona Lourdes, a professora que vem ensinar em Água Negra. As duas formas de enxergar a educação podem ilustrar a importância da teoria freireana e a necessidade de uma educação inclusiva e libertadora. Para este trabalho, buscou-se encontrar no enredo da obra, ilustrações para a educação bancária e para a educação humanista, conforme a teoria de Freire. Para isso, foram feitos recortes do texto do livro que pudessem ser analogias para a aplicação da teoria em questão. O que se encontra é um retrato da mudança social teorizada por Freire e que se opera na narrativa.

Palavras-chave

Educação. Paulo Freire. *Torto Arado*.

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; professora EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mariana.pereira@ifsuldeminas.edu.br.

² Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí, Minas Gerais, Brasil; professor na rede particular de ensino de Pouso Alegre, Minas Gerais; coautor do Blog Geração 88 e sócio fundador do Centro de Estudos de Arte e Texto - Atenas. E-mail: gustavofaria17@gmail.com.

School in *Torto Arado*: a literary portrait of the importance of Paulo Freire's liberating learning

Mariana Fernandes Pereira³, Gustavo Faria⁴

Abstract

The book *Torto Arado*, written by Itamar Vieira Junior, is a phenomenon of contemporary literature in Brazil. Its importance is not only in a fluid and interesting writing, but also in the current theme to which it is dedicated. One of the social issues of the narrative is the construction of a school in the Água Negra community. From there, two questions arise: Bibiana sees in education a possibility of achieving the necessary improvements for her people and she wants to become a teacher. On the other hand, Belonísia sees formal education as a waste of time because she does not see herself as part of the school activities guided by dona Lourdes, the teacher who comes to teach in Água Negra. Both ways of looking at education can illustrate the importance of Freire's theory and the need for an inclusive and liberating education. For this work, we aimed to find banking and humanist education in the narrative illustrations, according to Freire's theory. For this, excerpts that could be analogies for the application of the theory in question were made from the book. What was found out is a portrait of the social change theorized by Freire which happens in the narrative.

Keywords

Education. Paulo Freire. *Torto Arado*.

³ PhD student in Linguistics, State University of Campinas, São Paulo, Brazil; EBTT professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Southern Minas, Minas Gerais, Brazil. E-mail: mariana.pereira@ifsuldeminas.edu.br.

⁴ Master in Language Sciences from the University of Vale do Sapucaí, Minas Gerais, Brazil; teacher in the private school system in Pouso Alegre, Minas Gerais, Brazil; co-author of the Blog Generation 88 and founding partner of the Center for Art and Text Studies - Atenas. E-mail: gustavofaria17@gmail.com.

Introdução

O legado de Paulo Freire para a educação é enorme e seu reconhecimento mundial mostra a grande importância de seu pensamento. Em sua prática, a inserção do educando no processo educativo foi revolucionária e permitiu a alfabetização de jovens e adultos de maneira efetiva e respeitosa. Além disso, sua influência na educação como um todo fez dele um dos maiores pensadores da educação e da pedagogia, o que lhe rendeu o título de patrono da educação brasileira a partir da publicação da Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012 (BRASIL, 2012).

Pensando a máxima freireana “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67), nos propomos analisar o papel da escola no romance *Torto Arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019). O romance tem sido aclamado pela crítica e pelos leitores, e mostra um povoado do sertão da Bahia, chamado de Água Negra.

Nesse local, muitas pessoas vivem da herança cultural deixada pela escravidão: a miséria e o abandono social. E lá trabalham em troca de um pedaço de terra para viver e tirar seu sustento. No enredo, a construção de uma escola modifica a estrutura das relações que ali se colocam.

A relação das personagens principais com a escola traz à memória a teoria de Paulo Freire e ilustra a importância de seus ensinamentos. Para a análise, destaca-se a definição de educação bancária e de educação humanista (FREIRE, 1970), assim como a prática educacional para a liberdade (FREIRE, 1986). Dessa forma, a proposta é levantar em *Torto Arado* as relações e reflexões que podem representar e estimular o uso das metodologias de Freire.

Para isso, vale destacar que na obra de Vieira Junior não se apresenta a teoria freireana como forma de justificar a mudança na forma de ensinar. Porém, pode-se perceber, pela leitura da obra, que as duas irmãs-narradoras e seus posicionamentos sobre a educação podem ser condutores de analogia com a obra de Paulo Freire, principalmente no que tange a divisão entre educação bancária e educação humanista. Por isso, tem-se o objetivo de buscar na narrativa de *Torto Arado* a ilustração para as proposições de Freire, mostrando como a mudança de uma educação bancária para uma educação humanista muda a forma de aprender de Água Negra.

Destacamos que alguns dos fatos narrados no romance são replicados aqui para fins de análise. Por isso, algumas questões do enredo podem ser expostas a quem ainda não leu a obra.

A educação em *Torto Arado*

Torto Arado é um romance do escritor, geógrafo e funcionário público brasileiro, Itamar Vieira Junior, publicado em 2019 e vencedor dos Prêmios LeYa, Jabuti de melhor Romance Literário e Oceanos de Literatura. Sua história narra a vida e a relação de duas irmãs, Belonísia e Bibiana, que apesar de todas as suas diferenças, são unidas por um acidente na infância.

As irmãs vivem com sua família em um pedaço de terra cedido em troca de trabalho, na comunidade baiana conhecida como Água Negra. A comunidade é um retrato da exclusão e pobreza a que foram relegados tantos grupos quilombolas que herdaram o descaso estrutural da Abolição da Escravatura em 1888. Ali, não poderiam sequer construir casa de alvenaria, tudo o que produzissem estava sujeito a ser levado pelo capataz e sua existência se resumia à luta da lavoura.

Dentre as muitas mazelas trazidas pela pobreza a que eram relegadas aquelas famílias, pode-se destacar a dificuldade de acesso à saúde, a violência e a exclusão daquelas pessoas à educação formal, pois não havia escola na comunidade.

Um dos grandes acontecimentos do livro é a conquista do direito à educação, a partir da construção da escola na comunidade, considerada pelo seu líder, Zeca Chapéu Grande, que também é o pai de Bibiana e Belonísia, como uma grande conquista. Comemorada principalmente por Bibiana, que sonhava em ser professora. Sob o olhar dessa personagem, a escola seria uma possibilidade de transformação.

Bibiana vê no engajamento do pai, um homem sábio, um espelho. Aquele homem era uma liderança não apenas por ser um homem reconhecido por sua sapiência com plantas e remédios, mas também por seu papel de liderança na religiosidade local. Zeca Chapéu Grande era também um líder político, a quem coube defender os interesses do povo de Água Negra. Ele inspira a filha mais velha a enxergar o valor da educação formal, principalmente questionando as razões pelas quais ela lhes teria sido negada por tanto tempo. Dali surge o desejo de aprender para poder ensinar.

Bibiana, certo momento, narra uma conversa com Severo, em que ele afirma que a escola não seria suficiente para completarem os estudos, mas que já seria um grande benefício para Água Negra.

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolar o buriti. Não me atraía matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas que contavam a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97).

Sua irmã, porém, não tem o mesmo apreço pelo aprender. Não apenas por encontrar dificuldades – em partes como sequela do acidente – mas também por não conseguir enxergar o valor daquilo que se aprendia na escola. Em certo momento, refletindo sobre o que a professora, dona Lourdes, poderia oferecer com relação ao saber, Belonísia afirma que o que lhe interessa mais é aprender ao lado do pai, na lida do campo, do que ir à escola.

Ela considera que a professora conta “histórias mentirosas sobre a terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.99). Sobre a professora, Belonísia afirma: “não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Os questionamentos de Belonísia podem se ancorar no que ensinou Paulo Freire sobre a educação bancária, assim como a prática desenvolvida por Bibiana quando passa a lhe caber o papel de professora da comunidade pode ser considerada uma forma de educação humanista – em oposição à dona Lourdes, que vinha de fora para ensinar.

Em *Torto Arado*, se lê que Bibiana

ensinava sobre a história do povo negro, que ensinava matemática, ciências e fazia as crianças se orgulharem de serem quilombolas. Que contava e recontava a história de Água Negra e de antes, muito antes, dos garimpos das lavouras de cana, dos castigos, dos sequestros de suas aldeias natais, da travessia pelo oceano de um continente para outro. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 243).

A inserção do educando, do seu meio e da sua história na prática de ensino da personagem professora são exemplos da educação autônoma e libertadora pregada por Paulo Freire.

O modelo de educação conhecido por Belonísia não foi o mesmo ensinado por Bibiana, sua irmã. Dona Lourdes era uma professora que reproduzia moldes educacionais

burgueses do século 19, tinha no ensinar menos uma preocupação social do que uma transmissão burocrática de saberes primários. Era alguém colocada a serviço de uma política coronelista, interessada no efeito plástico e apaziguador de se ter – enfim – uma professora por aquelas bandas, saciando a demanda de Zeca Chapéu Grande e silenciando uma possível resistência. Não é de se estranhar a rejeição do conhecimento escolar por Belonísia – atada de maneira tão urgente à necessidade do viver e do plantar.

A volta de Bibiana, a irmã professora, para a comunidade de Água Negra, corresponde à travessia de um limiar – uma protagonista no magistério. Não temos mais dona Lourdes, uma personagem secundária, mas, agora, uma heroína no tablado. Alguém que ensina História com a autoridade de se pertencer àquele lugar, e conhecê-lo, pela terra e pelo sangue. O líquido vermelho quarado no pano que envolvia a faca é plasticamente sentido de maneira angustiante pelo leitor – da língua da irmã ao peito do marido assassinado. É esse sangue, essa terra, que lhe fornece o capital para a transmissão do saber. A língua, do acidente no início da narrativa, não é partida, mas repartida, dividida, e depois multiplicada – língua que nomeia emoções, biografias de antepassados e políticas de resistência. Língua que educa. É possível entendê-la como uma metáfora viva de um povo que, a muito custo de exploração – por meio do coronelismo e do capitalismo – desenvolve uma fala, uma voz, que tomou forma em tão suadas paredes de alvenaria.

Aspectos literários de *Torto Arado*

Convém destacar os elementos da narrativa que compõem *Torto Arado*. As narradoras em primeira pessoa tomam para si uma autoria que – embora não onisciente – produzem no leitor uma cumplicidade no decorrer da história, como se fosse possível sentir, por um breve instante, a sensação de se perder uma língua ou lutar bravamente contra o capital, ruminando a fantasia metálica de uma arma branca. É essa primeira pessoa que dá legitimidade em um tempo narrativo não especificado, de data incerta, mas também tão atual – como é a história da exploração de terras no Brasil.

O espaço do sertão baiano, escolhido pela influência dos regionalistas da geração de 1930, segundo disse o autor em entrevista ao Programa *Roda Viva*, da TV Cultura (VIEIRA JUNIOR, 2021, on-line), não tem a aridez perene da caatinga de Graciliano Ramos, tampouco os caminhos d'água das veredas mineiras de Guimarães Rosa. A paisagem da Chapada baiana, composta por buritis e águas negras, toma um caráter de personagem à medida que se

molda à subjetividade das personagens e às tramas do enredo. O envelhecimento de Zeca Chapéu Grande não ocorre sem que o cenário também se determine por ele, numa espécie de simbiose. Nisso, o espaço de *Torto Arado* caminha vivo, à maneira de outros clássicos literários da língua portuguesa, como *Sagarana* e *Mayombe*.

Embora o enredo tenha uma força em sua sequência de fatos, surpreendendo o leitor e mantendo uma tensão narrativa desde o primeiro capítulo, ele se torna quase que secundário se comparado à força das personagens da obra – especialmente as femininas. Elas são o elemento narrativo de maior força – mulheres e pretas. Se antes, em muitos romances nacionais, esse arquétipo era reservado a posições secundárias e subservientes, senzalas e cozinhas, agora elas ganham destaque e protagonismo de guerreiras. Esse prenúncio já é dado pela arte de capa, produzida pela artista Linoca Souza para a editora Todavia: um desenho de duas mulheres segurando espadas de Santa Bárbara. Essas plantas, que têm a característica de sobreviverem em diferentes solos mesmo com condições adversas, substituem os facões empunhados por duas camaronesas na imagem original, em um ensaio de Giovanni Marrozzini⁵, em 2010.

É a avó de Belonísia e Bibiana quem determina, de certo modo, o fado de Zeca Chapéu Grande. É a mãe delas quem subsiste na ausência dele. As irmãs, com a morte dos maridos, também não arredam – resistem e lutam, seja na defesa da terra contra fazendeiros exploradores, seja na defesa de uma vizinha vítima de violência doméstica, seja contra maridos abusadores. As personagens de *Torto Arado* escancaram que a linguagem veio antes da língua, e que essa linguagem – multiforme e política – registra sentidos e constrói a educação. Tal educação, que aqui propomos num diálogo com a teoria de Paulo Freire, nasce de um fomento comunitário, percebido na narrativa a partir das noites de Jarê – prática religiosa de matriz africana encontrada na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Resultado da influência do candomblé e do catolicismo rural, e praticado por escravos e libertos no contexto da exploração mineradora na região, o Jarê coloca em funcionamento um discurso de transmissão de saberes – também de educação, portanto.

Cabe ressaltar o que Luiz Antônio Simas, historiador brasileiro, e Luiz Rufino, pedagogo e escritor brasileiro, classificam como “Gramática dos Tambores” (SIMAS; RUFINO, 2018): a percussão dos atabaques ritualiza um processo de ensinamento, que narra uma história e dramatiza a representação de entidades, por meio da dança e dos trajes, para que um mito se corporalize e a comunidade extraia dele um modelo de conduta. Segundo

⁵ A imagem original pode ser vista em: <https://culturadoria.com.br/torto-arado/2torto-arado/>.

Simas e Rufino, “se a chibata é o grito de morte, o tambor é o discurso de vida” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 58).

É nesse contexto que, antes mesmo de Bibiana, a educação será transmitida na comunidade por meio de Zeca Chapéu Grande, pai de santo e curador daquela região. E é aí também que o enredo encontrará seu desfecho – por meio do ensinamento de uma entidade, a Santa Clara dos Peixes, que deixa o posto de personagem secundária para assumir a primeira pessoa do discurso na narração da terceira parte do livro. A espada de Santa Bárbara, ícone gráfico antecipado na capa da obra, relembra seu sincretismo com Iansã para reiterar a matriz africana que conduz a força narrativa de Vieira Júnior.

A educação em Paulo Freire

A Educação para Paulo Freire deveria ser um ato libertador. E, a partir dela, as pessoas poderiam ser agentes que operam e transformam o mundo. Nessa perspectiva, o analfabetismo teria raízes em situações históricas em que as pessoas são oprimidas e exploradas, pois vivem em um regime de dominação (FREIRE, 1986). Em *Água Negra, de Torto Arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019), a dominação histórica gera a exploração do trabalho dos quilombolas. Dessa maneira, eles são impedidos de ascender à educação formal e precisam lutar por esse direito.

Além disso, a teoria freireana pensa duas formas de ensinar: a educação bancária e a problematizadora e libertadora (ou humanista). A educação bancária é aquela tradicional, que reflete a opressão e a discriminação da sociedade – e na qual o educando é visto como um recipiente vazio, a espera de conteúdo que o professor nele deve depositar, a partir de conteúdos programáticos pré-definidos. Foi chamada de “bancária”, pois Freire a entende como um “depósito bancário” feito pelo professor (FREIRE, 1970, p. 58).

Belonísia faz uma reflexão em *Torto Arado*, em que diz:

Tinha a sensação de que perdia meu tempo naquela sala quente, ouvindo aquela senhora de mãos finas e sem calos, com um perfume forte que parecia incensar a escola nos dias de calor. Olhava para o quadro verde, as letras embaralhadas, bonitas, mas que formavam palavras e frases difíceis que não entravam em minha cabeça, e pensava em meu pai na várzea encontrando coisa nova na terra para a qual se dedicar, ou minha mãe cuidando do quintal, dos bichos, costurando. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97).

Pela reflexão de Belonísia, ela não se via na escola. Não conseguia enxergar sentido no que era ensinado naquele espaço, pois não se reconhecia nas matérias, na professora, na

estrutura. Estava na escola, porém, ainda assim, sentia-se excluída. A educação apresentada ali tinha muito mais a ver com a professora e suas mãos sem calos do que com a realidade daquele povo e, sendo assim, a personagem não conseguia compreender a importância e a necessidade daquilo.

Já a educação problematizadora e libertadora seria uma educação humana. E assim, é uma constante busca com interesse em que os educandos transformem o mundo em que vivem. Para que sejam capazes de fazer isso, eles devem compreender a realidade em que vivem, mas devem partir de uma visão crítica e, ao mesmo tempo, respeitando sua cultura e a história de vida de cada um. Essa educação baseia-se no estímulo à criatividade dos educandos, misturando os papéis do educador e do educando na busca da educação, pois Freire acredita que os homens se educam em comunhão e que o mundo possibilita a educação (FREIRE, 1970, p. 58).

Uma das grandes diferenças encontradas entre as duas formas de educar é que a educação bancária é opressora e coloca o professor em um papel de fornecedor do conhecimento em um monólogo opressor; enquanto a educação problematizadora e libertadora é construída a partir do diálogo e da ação, em que o aprendizado se constrói a partir de pensamento crítico e de questionamentos, permitindo que o educando aprenda a aprender (FREIRE, 1970, p. 58).

A dualidade de posicionamentos que se encontra nas duas irmãs exemplifica as duas formas de educação de que trata Freire, pois Belonísia rejeita a educação bancária, na qual não enxerga a si mesma e a seu povo. Porém, Bibiana compreende que aprender pode permitir que eles mudem a realidade daquele lugar. Belonísia abandona a escola, uma vez que aquela educação era distante da realidade do aprendiz, vazia de sentidos para quem aprende. E, consciente disso, Belonísia deseja aprender junto dos seus: deseja ir para a lavoura com o pai, para que ele possa ensinar-lhe o que sabe. E esse conhecimento do pai lhe parece útil e agradável, pois é o conhecimento de seu povo e faz parte de sua história. Além disso, ela mesma pode agir, desvendar novos métodos e desenvolver sua própria forma de aprender, pois conhece o trabalho e sente-se capaz de fazê-lo de modo satisfatório, o que não ocorre na escola.

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Bibiana, porém, recebe a mesma educação de Belonísia em parte da narrativa, mas está ávida por aprender. Entretanto cabe destacar a afirmação de que “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática, e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 2010, p. 58). E tais formações estão narradas na história de Bibiana e na sua reflexão sobre seu papel e seu poder perante a comunidade, a partir do momento que vislumbra a importância de aprender.

O seu desejo é poder levar a educação e seus benefícios a toda a comunidade, para mudar a realidade que a cerca. Depois, afasta-se da comunidade e pouco se pode afirmar sobre o que aprendeu nesse período. E, assim, quando retorna, ela já pode transformar a comunidade onde nasceu por meio de uma educação libertadora.

Segundo a teoria de Freire, o educador deve promover uma aprendizagem sem pressões para o educando, permitindo que ele tenha autonomia para aprender. Dessa maneira, Freire (2010) afirma que “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2010, p. 26).

Na prática de Bibiana é possível perceber a busca por um melhor futuro, sem que sejam esquecidos o passado e o presente. Dessa forma, é fundamental a inclusão das narrativas históricas daquele povo, de suas lutas e conquistas.

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar, se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (FREIRE, 2010, p. 22).

Considerações finais

Dentre as muitas questões importantes discutidas em *Torto Arado*, a escola é colocada simbolicamente como operadora de mudanças para a comunidade de Água Negra. Ademais, no retrato literário pintado por Itamar Vieira Junior, são percebidas duas formas de educação que foram teorizadas por Paulo Freire em seu célebre livro *Pedagogia do Oprimido* (1970): na primeira professora, dona Lourdes, vê-se a educação bancária rejeitada por Belonísia, e em Bibiana, vê-se a educação problematizadora e libertadora.

As duas personagens principais do romance oferecem visões das duas formas de educar, e também lidam de maneiras muito diferentes com o processo de ensino e aprendizagem. Uma delas, Belonísia, se sente excluída da escola e não consegue enxergar no processo oferecido por dona Lourdes um sentido. Em sua concepção, o que se aprendia na escola não tinha nenhuma aplicação prática em sua vida e, por essa razão, ela não desejava estar em sala de aula, apesar do sentimento de decepção que acompanha o abandono da escola.

Sua irmã mais velha, Bibiana, enxerga na educação uma oportunidade de melhorar a sua vida e a sua comunidade. Para ela, a educação forneceria meios de lutar por direitos e diminuir a desigualdade e a pobreza a que eram submetidos. Em sua jornada, dedica-se a aprender e, mais tarde, a ensinar.

E é em sua prática de ensino que se pode ver a beleza da teoria de Paulo Freire. Ao trazer sua comunidade para o espaço escolar, há uma nova visão da escola. O que se pode perceber pela narrativa é que a educação passa a ser mais valorizada e aceita. Ela passa a fazer sentido para aquele povo, exatamente como ensinava Paulo Freire.

Ao se observar a escola da professora Bibiana, pode-se enxergar uma ilustração da escola libertadora que pregava Freire. Apesar de ter experimentado em sua formação a escola bancária, a prática de Bibiana era a da escola que acolhe, questiona e critica, permitindo ao educando o aprendizado de si e do mundo. E, assim, se pode também vislumbrar a importância dessa educação para toda a comunidade de Água Negra, visto que as pessoas passam a questionar o funcionamento cotidiano do lugar e pedir por seus direitos, o que ilustra a citação de que a educação sozinha não poderia transformar uma sociedade, mas sem ela, nada muda (FREIRE, 2000, p. 67).

Referências

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. **Diário Oficial da União**. Seção 1. Brasília, DF, ano 149, nº 73, p. 1, 16 abr. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23 reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

VIEIRA JUNIOR, I. [Entrevista cedida a] **Roda Viva**, São Paulo: TV Cultura. 15 fev. 2021. Programa de TV.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Submetido em 29 de junho de 2021.

Aprovado em 21 de julho de 2021.